

# Pirâmide Invertida na Cibernotícia: a Resistência de uma Técnica Centenária

**Fernando Zamith**

Docente da Licenciatura em Jornalismo e Ciências da  
Comunicação da Universidade do Porto

[fernando.zamith@icicom.up.pt](mailto:fernando.zamith@icicom.up.pt)

## Resumo

Este artigo tem por base uma pesquisa de argumentos a favor e contra a utilização da pirâmide invertida na cibernotícia (ou notícia digital), pretendendo-se também sistematizar algumas das propostas consensuais que têm surgido sobre o modo de apresentar notícias na Internet. Mais do que acentuar clivagens, importa reunir o melhor que este (eterno) debate tem proporcionado, valorizando simultaneamente os contributos de quem o tem centrado na forma e de quem se tem preocupado mais com o conteúdo.

## Palavras-chave:

pirâmide invertida; ciberjornalismo; redacção digital; Internet

## Abstract

The inverted pyramid has been the leading writing technique in journalism for more than 100 years. Any journalist or journalism student knows that it consists in telling the story from the most to the least important.

With the emergence of new media, specially the World Wide Web, we have watched to the migration of the inverted pyramid paradigm to the online news. However, some authors and some journalists argue that the inverted pyramid is inadequate to a media that is hypertextual, convergent and interactive.

At the same time, others defend that readers recognize the inverted pyramid style and stress that other alternatives are yet to be found.

This article puts in confrontation arguments pro and against the inverted pyramid structure in the production of online news.

## Keywords:

inverted pyramid; writing techniques; online journalism; new media

## Introdução

A pirâmide invertida é a técnica de redacção dominante no jornalismo há mais de 100 anos. Qualquer jornalista ou estudante de jornalismo sabe que consiste na hierarquização das informações do mais para o menos importante.

Com o surgimento de novos meios tecnológicos, especialmente a Internet, foi natural a transposição da pirâmide invertida para a redacção de notícias na e para a rede, ou cibernotícias. Contudo, não

tardaram a aparecer detractores da utilização desta técnica no ciberjornalismo, com o argumento da inadequação da pirâmide invertida às especificidades próprias de um meio hipertextual, convergente e interactivo.

Ao mesmo tempo, os defensores da construção da cibernotícia do mais para o menos importante realçavam a identificação que o leitor tem com esta técnica e a inexistência de alternativas viáveis. É assim que, por mais que possa espantar muita gente, ainda hoje se questiona se faz ou não sentido usar a pirâmide invertida na cibernotícia.

É do confronto de argumentos pró e contra a pirâmide invertida na cibernotícia que se baseia este artigo, em que se pretende também sistematizar algumas das propostas consensuais que têm surgido sobre o modo de apresentar notícias na Internet. Mais do que acentuar clivagens, importa reunir o melhor que este (eterno) debate tem proporcionado, valorizando simultaneamente os contributos de quem o tem centrado na forma e de quem se tem preocupado mais com o conteúdo.

## **A pirâmide invertida**

A pirâmide invertida é a técnica de redacção dominante no jornalismo há mais de 100 anos. Consiste na hierarquização das informações do mais para o menos importante. Os acontecimentos não são relatados por ordem cronológica, mas sim por ordem de importância. A cabeça, ou *lead*, da notícia deverá conter a informação mais relevante (simbolizada pela base larga da pirâmide), reservando-se para o corpo da notícia os complementos e/ou pormenores (a redução da largura da pirâmide corresponde ao decréscimo de importância).

Mar de Fontcuberta (1996: 58-59) atribui o nascimento da pirâmide invertida à Guerra de Secessão norte-americana, quando os correspondentes dos jornais se precipitavam para os postos do telégrafo procurando ser os primeiros a relatar os acontecimentos. “Perante esta situação, os operadores de telégrafo criaram um método para dar prioridade em simultâneo a todos os correspondentes. O método consistiu em fazer uma fila de informadores em que cada um podia ditar um parágrafo – o mais importante – da sua informação. Ao acabar o turno iniciava-se o ditado do segundo parágrafo, e assim até final. Nasceria a *pirâmide invertida* da notícia, método ainda hoje em vigor” (FONTCUBERTA, 1996: 59). Para ganhar tempo, os correspondentes iam directos ao assunto: “não davam a sua opinião nem entravam em excessivos pormenores; procuravam informar sobre os acontecimentos mais importantes” (*ibidem*).

Carl N. Warren, citado por José Álvarez Marcos (2003: 246), defende, contudo, que foram os editores dos jornais que criaram a pirâmide invertida em 16 de Abril de 1861, data da queda do forte Sumter. As linhas telegráficas estavam constantemente a ser cortadas, pelo que os editores ordenaram aos seus correspondentes que relatassem o essencial nas primeiras linhas.

Não há um único manual de jornalismo que não faça referência a esta técnica redactorial. Em 1982, José Jorge Letria e José Goulão (1982: 74) classificaram-na mesmo como “uma das leis fundamentais do jornalismo” de então: “*na notícia o mais importante escreve-se logo no início*”. “Seguem-se as peripécias do caso, com uma outra preocupação: *os factos ordenam-se por ordem decrescente de importância*” (*ibidem*). Luiz Amaral (1969: 65) considerava “obrigatório” que um “bom redactor” dispusesse dos dados da notícia “por ordem decrescente de importância”.

Numa análise aos manuais de jornalismo norte-americanos das décadas de 80 e 90 do século XX, Bonnie S. Brennen (2000: 107) conclui que “a pirâmide invertida está ainda viva e de boa saúde”.

Os manuais de redacção, ou livros de estilo, têm sido progressivamente abandonados por muitos órgãos de comunicação social, mas, nos poucos que ainda vão existindo, é frequente encontrar referências à pirâmide invertida. Ela tem vigorado mais nos jornais do que nas televisões ou rádios, mas são sobretudo as agências noticiosas que persistem em utilizá-la. O “Livro de Estilo e Prontuário da Lusa” (1992: 16) não deixa margem para dúvidas: “No noticiário de agência, frase e parágrafo são quase sinónimos. Nos acontecimentos ‘fortes’ é obrigatório o uso da técnica da pirâmide invertida: a notícia deve correr do maior ao menor grau de interesse; a partir do fim da notícia, é possível cortar os parágrafos sem que o texto perca o seu sentido essencial”. A EFE segue o mesmo caminho: “o desenvolvimento escrito de uma informação deve restringir-se à norma da pirâmide invertida” (ÁLVAREZ MARCOS: 2003, 248). Além da preocupação de fazer o leitor “entrar” rapidamente no assunto, a divisão por parágrafos sucessivamente menos importantes visa permitir aos utilizadores do noticiário das agências desaproveitar o fim da notícia, caso não tenham espaço ou tempo para a reproduzir na íntegra.

Se a pirâmide invertida tem sido dominante nas *hard news* dos *media* tradicionais, nunca o terá sido, contudo, nas notícias mais ligeiras (*fait divers* ou *soft news*) nem nos géneros jornalísticos mais livres, subjectivos e opinativos, como a crónica, o editorial e o comentário. Como não podia deixar de ser, no ciberjornalismo também só se justifica questionar a utilidade da pirâmide invertida na redacção de notícias “fortes”, “directas”, dado que nas restantes se proporciona mais o uso de outras técnicas que cativem o leitor e aproveitem as potencialidades de um meio convergente.

## Argumentos pró

Nesta recolha de argumentos pró e contra o uso da pirâmide invertida na cibernotícia, beneficiei de uma inesperada e extraordinária contribuição. Em 29 de Novembro de 2004, no primeiro dia do II Congresso Ibero-americano de Jornalismo Digital, em Santiago de Compostela, a professora da Universidade do País Basco, María José Cantalapiedra defendeu acerrimamente a pirâmide invertida como técnica a utilizar na construção da cibernotícia, mas apenas nesta, e não nos restantes géneros jornalísticos *online*. Esta posição surpreendeu alguns dos participantes, mais habituados a propostas hipertextuais, como a técnica dos blocos hiperligados, tendo de imediato Cantalapiedra sido “bombardeada” com críticas. Em sua defesa, surgiu então o mais bem-disposto congressista, o pioneiro do jornalismo *online* no Brasil Rosental Calmon Alves. Este professor de Jornalismo *Online* da Universidade do Texas, onde é também responsável pelo *Knight Center for Journalism in the Americas*, propôs, ironicamente, a criação do Partido Pró-Pirâmide Invertida (PPPI).

No final da sessão, falei com os dois defensores da pirâmide invertida, para procurar conhecer melhor os seus argumentos. María José Cantalapiedra recusa-se a promover junto dos seus alunos o uso de outra técnica de construção da cibernotícia, por temer que se desconcentrem do essencial: “ter capacidade para contar num parágrafo o que se passa”. É a regra base da pirâmide invertida: começar pelo que marca a notícia, para depois continuar com explicações acessórias. Cantalapiedra não se manifestou sequer flexível na combinação da pirâmide invertida com outras técnicas que explorem as potencialidades hipertextuais da Internet, como a repartição por blocos autónomos, quando o volume e/ou a complexidade das informações relevantes recolhidas (a “matéria-

prima" da notícia) recomenda(m) textos mais explicativos, logo, de maior dimensão.

Rosental Alves argumentou que já desde 1996 Jakob Nielsen<sup>1</sup> vem defendendo que a pirâmide invertida continua a ser a mais adequada técnica de construção de notícias na *web*, porque os ciberleitores mudam rapidamente de página e querem captar de imediato o essencial no *lead*, fazendo depois um "varrimento" visual (leitura na diagonal) do corpo da notícia.

Regressados a Portugal, escrevi sobre o assunto no meu blogue<sup>2</sup> e a minha colega de mestrado Daniela Bertocchi fez o mesmo no dela<sup>3</sup>. Indignado com a "criação" do PPPI, Ramón Salaverría, da Universidade de Navarra, colocou nas caixas de comentários dos dois *posts* um texto contra a pirâmide invertida no ciberjornalismo<sup>4</sup>, que fez relançar a polémica iniciada em Santiago de Compostela.

Um mês mais tarde, Carlos Castilho, do Observatório da Imprensa (Brasil), fez eco da polémica e entrevistou, por *e-mail*, Rosental Alves<sup>5</sup>. Nessa entrevista, o fundador do PPPI explica com maior detalhe a sua posição, afirmando que "não estava brincando quando defendia a eficácia da velha pirâmide invertida como forma de redigir notícias na *web*" (CASTILHO, 2005). "Ir directo ao ponto, numa redacção de estilo conciso, só ajuda a comunicação num meio nervoso e interactivo como a *web*, especialmente ao se tratar de *hard news*, das notícias de última hora, que são o forte do jornalismo *online* na fase actual" (*ibidem*), afirma Alves, acrescentando que "ainda vale o princípio básico da pirâmide invertida: dizer logo do que se trata, apesar de deixar ao leitor a possibilidade de navegar pela narrativa da forma que queira, em lugar de sugerir apenas um caminho sequencial" (*ibidem*). Alves diz ainda que "o próximo passo será buscar a narrativa jornalística mais adequada para este meio" (*ibidem*), tarefa que tem sido mais lenta do que se imaginava.

Rosental Alves e Ramón Salaverría acabaram por fazer as pazes, e “enterrar” os partidos que criaram, no dia em que se conheceram “ao vivo”, em 2 de Junho de 2005 na Universidade do Minho, em Braga, nas Jornadas “Dez Anos de Jornalismo Digital em Portugal”, momento que tive o prazer de testemunhar<sup>6</sup>. Para reforçar o seu pedido de desculpas e demonstrar que não havia ressentimentos, Salaverría ofereceu a Alves o seu último livro, *Redacción Periodística en Internet* (SALAVERRÍA, 2005).

Jakob Nielsen (1996) começou por defender a pirâmide invertida na *web* baseando-se em estudos que apontavam que os leitores (ou frequentadores) da Internet não faziam navegação horizontal ou vertical (*scroll*), optando por mudar de página através de hiperligações. Como o espaço visível no monitor é pequeno, seria aconselhável utilizar uma técnica que fosse directa ao assunto, como a pirâmide invertida. Mais tarde, em 2003, Nielsen reconheceu que este argumento já não era válido, porque os utilizadores da Internet já se tinham habituado a fazer *scroll*, mas manteve a sua posição, sublinhando que “continua a ser um bom princípio orientador que a informação mais importante apareça em cima” (*ibidem*). Nielsen diz que seria expectável que os redactores na *web* repartissem o seu texto em pequenas peças coerentes, “parecendo o trabalho global mais como um conjunto de pirâmides flutuando no ciberespaço do que com o tradicional ‘artigo’” (*ibidem*), mas reconhece a dificuldade em aprender este novo estilo de escrita.

Nielsen (1997) diz também que os utilizadores da *web* são “impacientes” e não lêem de forma sequencial, preferindo uma leitura na diagonal. Num estudo feito a cinco diferentes estilos de escrita, Morke e Nielsen (1997) concluem que um *site* consegue aumentar em 124% a sua *usability* (a forma como é usado e apreciado pelo leitor) se for escrito de forma concisa (ganho de 58%), *scannable* – com elementos em destaque que facilitem a leitura na diagonal

(47%) – e objectiva (27%). Em ligação directa com estes resultados, os autores confirmam que os ciberleitores “gostam de sumários e do estilo pirâmide invertida” (*ibidem*).

O *Manual de Redacción Ciberperiodística* (NOCI e SALAVERRÍA, 2003) é um exemplo perfeito da controvérsia que ainda suscita o tema deste artigo. O mesmo livro reúne adeptos e opositores da pirâmide invertida na cibernotícia, o que até não é de estranhar, se atendermos à variedade de autores - 19 professores universitários de toda a Espanha. Se os coordenadores da obra são contra, já José Álvarez Marcos (2003: 247) afirma que os estilos redactoriais na *web* se ajustam a “protocolos clássicos de brevidade, concisão e estrutura piramidal”. E acrescenta: “Outro dos argumentos que devolve à pirâmide invertida a sua vigência na era digital é a necessidade de superar o caos que implica os milhares de sítios com informação de actualidade que existem na Internet” (*ibidem*). Este professor da Universidade de Sevilha destaca também o crescente número de autores e profissionais que alertam para os perigos do abuso do hipertexto e sublinha que “escrever para a *web* é muito mais do que pensar nas possibilidades do hipertexto, é conceber uma arquitectura multimédia em que as histórias satisfaçam todas as necessidades informativas dos utilizadores” (*idem*: 248). “E a primeira delas é a actualidade, a rapidez informativa”, acrescenta, concluindo que “a velocidade nos leva, de novo, à estrutura piramidal”. “O estilo redactorial das agências de notícias, baseado na rapidez e máxima actualidade, inspira muitas notícias na *web*, sobretudo as de última hora” (*ibidem*), salienta Álvarez Marcos, recordando que a pirâmide invertida continua a ser a técnica redactorial da notícia de agência.

Álvarez Marcos propõe o conceito de “pirâmide convergente” (*idem*: 250-251), juntando texto, imagem e som, e estruturada como a pirâmide invertida clássica. Adverte ainda para a importância que esta velha técnica tem na difusão de notícias para telemóveis

(através da tecnologia SMS) e para os pequenos computadores de bolso (PDA). O escasso espaço disponível obriga ao uso de textos muito curtos e directos.

Um dos colunistas mais lidos e respeitados no ciberjornalismo, Steve Outing (2004), sugeriu recentemente aos autores de blogues que aprendam com os jornalistas e escrevam os seus *posts* em pirâmide invertida: “Colocar a informação mais importante de uma história no topo faz muito sentido *online*, onde a atenção é breve e não podemos contar com leitores a olhar para lá da primeira frase ou parágrafo”.

Mike Ward (2002: 111) é outro partidário da estrutura piramidal, embora entenda que se deva colocar a pirâmide na sua posição natural, por dessa forma simbolizar melhor as duas intenções que lhe estão subjacentes: o mais importante e o mais breve primeiro. Ward refere-se, designadamente, ao manual do jornalista da edição *online* da BBC, *The Online Journalist* (*idem*: 112), extremamente rigoroso ao definir a obrigatoriedade de contar a história de uma forma clara e directa num máximo de quatro parágrafos: “Na rádio e na TV, às vezes é necessário conduzir os ouvintes/telespectadores suavemente para a história. Na *web*, é preciso entrar na história imediatamente” (*idem*: 115).

Os estudos feitos por Carole Rich (1998) apontam para a adopção de diferentes técnicas adaptadas aos vários conteúdos ciberjornalísticos, mas a autora também reconhece a importância da pirâmide invertida nas *hard news* difundidas na *web*.

## **Argumentos contra**

Ao longo das últimas décadas, têm-se sucedido os estudos sobre as vantagens e desvantagens de uso da pirâmide invertida no jornalismo, particularmente na imprensa. Na generalidade, os

estudos indicam que o leitor recorda melhor os pormenores de um acontecimento que lhe foi apresentado numa narrativa linear (em ordem cronológica) do que o que leu em pirâmide invertida. Uma das explicações que tem sido dada é que ler uma “história” (seja ela notícia ou romance literário) em ordem cronológica é mais apelativo e entusiasmante do que ler um texto em que nos é dada de imediato a “conclusão” e em que o interesse vai decrescendo à medida que avançamos na leitura.

Em três recentes estudos paralelos sobre os efeitos da estrutura narrativa no suspense, curiosidade e satisfação na leitura de notícias e romances (KNOBLOCH et al., 2004: 259), concluiu-se que a pirâmide invertida é o tipo de estrutura que menos produz no leitor aquelas três reacções. O tipo linear foi o que suscitou maior suspense; o tipo inverso (do fim da acção para o início) foi o que provou maior curiosidade; e estes dois tipos (linear e inverso) causaram maior satisfação aos leitores do que o tipo invertido (pirâmide invertida), não se registando diferenças significativas entre notícias e romances. “Criar notícias para recepção efectiva ou para satisfação afectiva pode ser um tanto contraditório” (KNOBLOCH et al., 2004: 282), referem os autores, reconhecendo, contudo, a necessidade de novas investigações, que atendam a factores importantes como os eventuais efeitos dos aspectos narrativos na compreensão das notícias e o crescimento das “soft news”, com a conseqüente valorização da distracção e do entretenimento, em desfavor da informação.

No ciberjornalismo, João Canavilhas assumiu em 2001 uma posição radical contra o uso da pirâmide invertida: “No webjornalismo **não faz qualquer sentido utilizar uma pirâmide**, mas sim um conjunto de pequenos textos hiperligados entre si”. É curioso verificar que, anos mais tarde, o autor republicou o artigo, introduzindo uma ligeira – mas significativa – alteração ao texto original: “No

webjornalismo **a pirâmide é substituída por** um conjunto de pequenos textos hiperligados entre si" (CANAVILHAS, 2003). Canavilhas aludia a um estudo do *Media Effects Research Laboratory*, publicado em 1992, que indicava que "os utilizadores preferem navegar livremente num texto separado por blocos, a seguir obrigatoriamente a leitura de um texto compacto seguindo as regras da pirâmide invertida" (*ibidem*).

Na polémica que se gerou após o congresso de Santiago de Compostela<sup>7</sup>, Ramón Salaverría foi extremamente cáustico na crítica aos defensores da pirâmide invertida, propondo mesmo a "criação" do *Partido de la Redacción Ciberperiodística* (PRC)<sup>8</sup>, que, jocosamente, disse ser também conhecido nos "círculos clandestinos" como *Partido Contra los Perceptistas Anticuados de la Pirâmide Invertida*. A reacção do director do Laboratório de Comunicação Multimédia da Universidade de Navarra nasceu, contudo, de um equívoco: Nem María José Cantalapiedra nem Rosental Alves defenderam a pirâmide invertida como "formato redactorial único e supremo para os cibermeios". Ambos se fixaram na cibernotícia e, no caso de Alves, especificamente nas *hard news*, dado que há outras técnicas mais aconselháveis para outros géneros jornalísticos.

A excessiva rudeza das palavras de Salaverría foi reconhecida pelo próprio, que, aquando do relançamento do debate por Carlos Castilho, colocou um novo comentário no blogue *Intermezzo*<sup>9</sup>, pedindo desculpa a quem se tivesse sentido ofendido e explicando os seus argumentos de um modo menos "mal-humorado". Salaverría afirma que "a pirâmide invertida serve, mas não basta": "Um meio hipertextual como a web exige começar a utilizar formatos que aproveitem a possibilidade de fragmentar o discurso informativo, e de criar, portanto, níveis de profundidade documental. E a pirâmide invertida, um formato intrinsecamente monolítico, não facilita esse trabalho". O professor universitário reconhece que, "sem dúvida, a

pirâmide invertida é um formato adequado” para o primeiro nível informativo hipertextual, “mais superficial”, com que os meios digitais se têm “conformado” até agora. Mas recomenda que esses meios comecem a apostar também em matérias que exigem maior profundidade documental e desenvolvimento narrativo, “onde a pirâmide invertida deixa de ser válida como formato discursivo”.

Já em ocasiões anteriores, Salaverría (2004: 3) tinha apelado para a necessidade de procurar “novas formas de expressão para o ciberespaço”. Uma das tentativas mais consistentes foi por si feita em parceria com o professor da Universidade do País Basco Javier Díaz Noci no *Manual de Redacción Ciberperiodística* (NOCI e SALAVERRÍA, 2003: 120-133). Os coordenadores da obra escreveram em conjunto um capítulo em que propõem para os cibermeios várias estruturas hipertextuais, desde a tradicional estrutura linear da pirâmide invertida até estruturas em rede de entradas múltiplas, dando o máximo de liberdade ao ciberleitor para percorrer os elementos da peça noticiosa pela ordem que quiser. A flexibilidade destas propostas permite ao redactor/editor do cibermeio escolher a estrutura hipertextual que mais se adequa à matéria que pretende noticiar.

A oposição de Salaverría à pirâmide invertida no jornalismo digital começou, contudo, muito antes, em 1999, quando criticou os jornalistas por estarem a escrever para a Internet “sem saberem escrever para a Internet” (SALAVERRÍA, 1999). O professor da Universidade de Navarra identificou entre os principais problemas da redacção ciberjornalística a extensão dos textos, a dificuldade em datar as notícias num meio ubíquo (acessível em simultâneo nos 24 fusos horários do planeta), o uso de títulos criativos e indicativos (típicos da imprensa) e a ausência de um critério claro no uso de ligações hipertextuais. “Transferir sem mais uma estrutura fechada como a pirâmide invertida para o jornal digital supõe prescindir do novo recurso jornalístico chave: o hipertexto” (ibidem), salientava

Salaverría, frisando que o hipertexto permite libertar os ciberleitores da leitura obrigatória de passagens documentais para muitos desnecessárias e indesejadas, como clarificação de siglas, referência a dados biográficos ou peças de “background”. No mesmo artigo, Salaverría sublinhava que, além da redundância, a notícia hipertextual pode libertar-se da “previsibilidade” da pirâmide invertida.

Mario García (TORRES, 2004: 112) também acredita que a pirâmide invertida virá a ser substituída na Internet por outra técnica redactorial, a que chama “taça de campanha”: “(...) a história flui graciosamente, apertando-se para um ponto de interesse ou de excitação”. García explica que, neste formato, a história é contada em pequenos pedaços (*chunks*), com a excitação renovada mais ou menos em cada 21 linhas, o que ajuda o leitor a manter o interesse ao longo de toda a história, à semelhança do que acontece com um bom romance.

Também Mark Deuze (1999: 381) defende uma redacção em *chunks*, recordando que “a escrita tradicional é linear por natureza, mas a escrita *online* pode ser não linear”: “Isto significa que cada história pode ser cortada em peças mais pequenas e espalhada através de páginas *web*”, que podem ser acedidas separadamente e por qualquer ordem.

María Bella Palomo Torres (2004: 114) afirma que “a redacção na Internet é um estilo híbrido entre a escrita convencional e a expressão oral”, pelo que há autores que recomendam uma linguagem mais coloquial e textos abertos à interactividade, à espera da contribuição do ciberleitor.

Carole Rich (1998) conclui nos seus estudos que é preferível apresentar “diferentes formas para diferentes funções: “pirâmide invertida para algumas *hard news*, narrativa em série para outras, *chunks* laterais com *links* para diferentes páginas se as histórias têm

quebras lógicas, e *scrolling stories* [histórias de navegação vertical e horizontal] para aquelas que, para melhor compreensão, precisam de uma apresentação mais linear". Referindo-se aos estudos de Rich, Ricardo Nunes afirma que, "se nos posicionarmos no patamar de quem escreve e apresenta a informação periodicamente nos meios de comunicação social, não só a estrutura hipertextual se apresenta como uma condição *sine qua non* para descrever a realidade através dos media electrónicos, como esta nova arrumação permite uma eficácia porventura maior do que a utilização exclusiva da clássica estruturação em forma de pirâmide invertida nos media tradicionais" (NUNES, 2005: 2).

## **Conclusão**

Os argumentos pró e contra aqui apresentados poderiam prenunciar uma "guerra sem tréguas" entre "partidos" opostos, mas parece-me poder concluir que as posições, na generalidade, não estão tão distantes umas das outras quanto isso.

Em primeiro lugar, há alguma confusão de conceitos. Nem só de notícias (no sentido restrito) vive o jornalismo, o mesmo se passando no ciberjornalismo, com razão acrescida, dado ser um meio em que convergem todos os outros. A questão do eventual sentido do uso da pirâmide invertida na Internet não se deve colocar em géneros jornalísticos mais "livres e leves", como a reportagem, a crónica ou o *feature*, mas deve ser centrada, sobretudo, na notícia "pura e dura", directa, rápida, "forte" e marcadamente factual e objectiva. Estamos a falar da notícia que "queima nas mãos do jornalista", e que tem de ser rapidamente difundida. É a também chamada notícia de "última hora", que a Internet tão imediatamente propaga.

Se repararmos com atenção, praticamente todos os autores concordam que estas *hard news* devem ser construídas numa estrutura piramidal, baseada num título e num *lead*/entrada/abertura fortes, conclusivos, que vão directos ao assunto, ao que é notícia.

Parece haver diferenças de opinião na forma como se deve passar do *lead* para o resto da informação (ou conteúdo) que queremos transmitir, mas, em grande parte, também aqui é mais aparente do que real. Os blocos hiperligados de que Canavilhas fala não são, na sua essência, diferentes dos *chunks* referidos por Rich e Deuze (diferente só mesmo a “taça de champanhe” de García), e que estão subentendidos nas estruturas propostas por Noci e Salaverría.

Mesmo Nielsen, Alves e Álvarez Marcos reconhecem as enormes potencialidades de hipertexto, interactividade, convergência e disponibilização de arquivos que a Internet oferece, defendendo apenas que o avanço para diferentes técnicas, e até mesmo linguagens, deve ser restringido aos outros inúmeros géneros jornalísticos - para lá das *hard news* - que a *web* propicia.

O que não se pode de forma alguma fazer é defender a pirâmide invertida apenas com o objectivo de manter na esfera do jornalista tradicional o controlo da forma como a notícia é recebida. O ciberleitor quer, pode e deve conduzir o seu percurso por entre o (desejavelmente variado e completo) material noticioso disponibilizado num cibermeio. Nas peças jornalísticas que Salaverría descreve como reclamando maior profundidade documental e desenvolvimento narrativo, o ciberleitor tem de ter o direito de “consumir” apenas o que quer e seguir o trajecto que mais lhe atrai, construindo a sua própria pirâmide invertida.

## Referências:

- ÁLVAREZ MARCOS, J. (2003) - El periodismo ante la tecnología hipertextual. In NOCI, J. D.; SALAVERRÍA, R., coord. - *Manual de redacción ciberperiodística*. Barcelona: Ariel Comunicación, 2003. p. 231-259.
- AMARAL, L. (1969) - *Técnica de jornal e periódico*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro.
- BRENNEN, B. S. (2000) - What the hacks say : the ideological prism of US journalism texts. In *Journalism*. London [etc.]. 1. 106-113.
- CANAVILHAS, J. (2001) - Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web. In *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*.  
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>  
(acedido em 12.01.2003)
- CANAVILHAS, J. (2003) - Webjornalismo : considerações gerais sobre jornalismo na web. In Fidalgo, A.; Serra, P., org. - *Jornalismo Online*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003.
- CASTILHO, C. (2005) - Uma linguagem em construção. In *Observatório da Imprensa*.  
<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=311ENO002> (acedido em 30.01.2005)
- DEUZE, M. (1999) - Journalism and the web. *Gazette*. London [etc.]. 61:5. 373-390.
- FONTCUBERTA, M. (1996) - *A Notícia : pistas para compreender o mundo*. Lisboa: Editorial Notícias.
- KNOBLOCH, S. [et al.] (2004) - Affective News : effects of discourse structure in narratives on suspense, curiosity, and enjoyment while reading news and novels. *Communication Research*. 31:3 (June) 259-287.

- LETRIA, J. J.; GOULÃO, J. (1982) - *Noções de Jornalismo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MORKES, J.; NIELSEN, J. (1997) - Concise, scannable and objective: how to write for the Web. In *useit.com*. <http://www.useit.com/papers/webwriting/writing.html> (acedido em 30.01.2005).
- NIELSEN, J. (1996) - Inverted pyramids in cberspace. In *useit.com*. <http://www.useit.com/alertbox/9606.html> (acedido em 30.01.2005).
- NIELSEN, J. (1997) - Changes in Web usability since 1994. In *useit.com*. <http://www.useit.com/alertbox/9712a.html> (acedido em 30.01.2005).
- NOCI, J. D.; SALAVERRÍA, R. (2003) - Hipertexto periodístico: teoría y modelos'. In Noci, J. D.; Salaverría, R., coord. - *Manual de Redacción Ciberperiodística*. Barcelona: Ariel Comunicación, p. 81-139.
- NUNES, R. (2005) - Notícia digital: processos de construção. In *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*. <http://www.unav.es/fcom/mmlab/mmlab/investig/piram.htm> (acedido em 13.07.2005)
- OUTING, S. (2004) - What Bloggers can learn from Journalists. In *Poynter Online*. [http://www.poynter.org/content/content\\_view.asp?id=75665](http://www.poynter.org/content/content_view.asp?id=75665) (acedido em 30.01.2005)
- RICH, C. (1998) - Newswriting for the web. In *Poynter Online*. <http://www.members.aol.com/crich13/poynter1.html> (acedido em 03.02.2005)
- SALAVERRÍA, R. (1999) - De la pirámide invertida al hipertexto. In *MultimediaLab*. <http://www.unav.es/fcom/mmlab/mmlab/investig/piram.htm> (acedido em 13.07.2005)

SALAVERRÍA, R. (2004) - Cómo escribir para la prensa digital? In *Mediacion.com*.

<http://www.mediacion.com/mediacionline/temas/periodigital/object.php?o=192> (accedido em 03.02.2005).

SALAVERRÍA, R. (2005) - *Redacción Periodística en Internet*. Pamplona: Eunsa.

TORRES, M. B. P. (2004) - *El periodista on line: de la revolución a la evolución*. Sevilla: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones.

WARD, M. (2002) - *Journalism Online*. Woburn: Focal Press.

ZAMITH, F. (2005) - Pirâmide invertida na cibernotícia: argumentos pró e contra. In *Webjornalismo*. <http://www.webjornalismo.com/sections.php?op=viewarticle&artid=95> (accedido em 03.04.2005)

---

<sup>1</sup> <http://www.useit.com/alertbox/9606.html>

<sup>2</sup> <http://blog.icicom.up.pt/archives/005728.html#005728>

<sup>3</sup> <http://intermezzo-weblog.blogspot.com/2004/12/partido-pr-e-contra-pirmide-invertida.html>

<sup>4</sup> Ver ponto seguinte.

<sup>5</sup> <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=311ENO002>

<sup>6</sup> ver foto em <http://www.flickr.com/photos/32097621@N00/17977954/>

<sup>7</sup> ver capítulo anterior

<sup>8</sup> <http://blog.icicom.up.pt/archives/005728.html#005728>

<sup>9</sup> <http://intermezzo-weblog.blogspot.com/2005/01/e-o-debate-continua.html>